

CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO NA PUCRS (ESPECIALIZAÇÃO)

Instituto de Letras e Artes

• Literatura Brasileira

* Aprovado pelo COCEP - Parecer nº 08/90 de 11/01/90

- Duração: 360 horas/aula

- Coordenação: Regina Zilberman

• Literatura Infantil

* Aprovado pelo COCEP - Parecer nº 19/90 de 28/06/90

- Duração: 360 horas/aula

- Coordenação: Regina Zilberman

Informações: ILA - Fone: (051) 339-1511 - Ramal 3176

O ACENTO E O PÉ BINÁRIO*

Leda Bisol
UFRGS/PUCRS

A Teoria Métrica afirma que o acento não se localiza diretamente na vogal mas provém de uma relação que se estabelece entre as sílabas, formando um contorno de proeminência. É preciso, pois, para estabelecer o algoritmo acentual, apenas verificar como a língua organiza as suas sílabas em constituintes prosódicos, pés métricos propriamente ditos.

Partindo do pressuposto de que o português estrutura as sílabas em pes métricos binários de cabeça à esquerda, assim representados (* .), onde o asterisco indica a sílaba dominante e o ponto a dominada, e admitindo o parâmetro do peso inerente da rima ramificada (Hayes, 1981), o acento do português, assim como no italiano segundo Sluyters (1992), é atribuído pela seguinte regra:

(1) Regra do Acento Primário

Domínio: a palavra

- i. Atribua um asterisco (*) à sílaba pesada final, i.é, sílaba de rima ramificada.
- ii. Nos demais casos, forme um constituinte binário (não iterativamente) com proeminência à esquerda, do tipo (* .), junto à borda direita da palavra.

Com respeito ao domínio, faz-se necessário observar que há uma diferença de estrutura morfológica entre verbos e não-verbos, que toca sensivelmente o algoritmo acentual. Em se tratando de nomes e adjetivos, a palavra fica entendida como *radical*¹ + *vogal temática* ou *marca de gênero*, que pode estar ausente. A flexão, que não interfere, fica fora deste domínio. Em se tratando de verbos, a palavra fica entendida como *radical* + *vogal temática* + *sufixo modo-temporal* + *sufixo número-pessoa*, pois em qualquer um desses morfemas pode incidir o acento. A regra é exatamente a mesma, mas a diferença proveniente da estrutura morfológica estabele-

* Agradeço a Leo Wetzel e a Celso Luft a leitura da versão original e valiosos comentários. Todos os defeitos desta análise são de minha inteira responsabilidade.

Este artigo, publicado em *Cadernos Linguísticos* 22, aqui retorna, em virtude de o acento, na linha em que foi desenvolvido, constituir um dos temas centrais desta revista.

¹ Para nossos propósitos, radical fica entendido como a base do processo derivacional que pode ou não coincidir com a raiz primitiva.

ce-se nos seguintes termos: enquanto em não-verbos, (1) é uma regra cíclica, que volta toda vez que um morfema derivativo for acrescido, atendendo aos princípios da teoria; em verbos, (1) espera que a palavra esteja completamente pronta para operar de uma só vez, assumindo, pois, o caráter de regra não-cíclica. Em ambos, é regra lexical.

Em consequência disso, no que concerne à extrametricidade, em não-verbos, ela incide em exceções, sendo, portanto, uma informação lexical; em verbos, toma a forma de uma regra específica, como veremos oportunamente.

Mas antes de dar procedimento a análise, entremos com o conceito de extrametricidade, referido há pouco, sempre presente em qualquer trabalho de Fonologia Métrica.

A primeira função da extrametricidade, que tem o poder de tornar invisíveis certos segmentos, é ajustar a palavra prosódica ao domínio das regras gerais de atribuição de acento, a fim de que as generalizações possam ser alcançadas. Na proposta de Hayes (1981), ela incide em sílaba final, fazendo com que essa não seja computada pelas regras de acento. A sílaba extramétrica extraviada será mais tarde incorporada ao pé métrico final da palavra, como sua parte fraca, pela Regra de Adjunção da Sílaba Perdida (ASP). As sílabas sobre as quais recai a extrametricidade não exercem papel nenhum no acento, mas estão inseridas no seu domínio. Qualquer sílaba ou rima ou mora ou consoante ou até mesmo um morfema, dependendo da língua, pode ser ignorada pelas regras de acento, desde que esteja em posição periférica. A invisibilidade da consoante final acontece em sistemas sensíveis ao peso silábico. Há evidência de que assim se comporta o português, pois cerca de 80% das palavras acabadas em consoante têm acento na sílaba final. Então os 20% restante que envolve palavras como *caráter*, *lâpis*, que não puxam o acento para a posição final como em *anil* e *pomar*, figurariam no domínio do acento como sílabas leves, em virtude da invisibilidade da consoante final. A extrametricidade de sua consoante é de menor custo do que a da sílaba, pois, atribuído o acento, a consoante reaparece sem a intervenção de regra alguma, uma vez que os pés métricos da palavra não são alterados com seu reaparecimento.

Como dizíamos, a principal característica da extrametricidade é estar condicionada ao princípio da perifericidade. Os candidatos, sejam sílabas, rimas, codas ou categorias morfológicas que tenham esse status, devem ser terminais. Perdido o contexto periférico, perde-se a extrametricidade, como (2) exemplifica:

| | |
|-------------------------------------|-------------|
| (2) [+ Ex] | [- Ex] |
| rápi<da> | rapidamente |
| núme<ro> | numeroso |
| ludibri<o> | ludibrioso |
| Começemos a análise por não-verbos. | |

I - NOMES E ADJETIVOS OU OUTROS ITENS DE ESTRUTURA LEXICAL SIMILAR

Em não-verbos, a extrametricidade é atribuída como um diacrítico lexical a classes minoritárias, que são:

- i) palavras com acento na terceira sílaba
- ii) palavras terminadas em consoante ou ditongo com acento não-final.

Sendo a extrametricidade uma propriedade idiossincrática as palavras do tipo (i) trazem a informação lexical [+ Ex (sil)] e as do tipo (ii), [+ Ex (coda)]. Evidentemente estamos admitindo que a silabação precede a acentuação.

Voltemos à regra do acento primário (1), que, na realidade, compreende duas:

A regra da Sensibilidade Quantitativa (SQ), designada em (1i), atribui um asterisco à sílaba final de rima ramificada, portadora de acento por inerência. Admitimos, pois, que a sílaba de rima com coda, (*colar*, por exemplo) opõe-se à sílaba constituída apenas pelo núcleo (*cola*), comumente denominada leve, em virtude de atrair o acento por seu peso silábico. A regra (1ii), Formação de Constituintes Prosódicos (FCP), ao estabelecer uma relação de forte/fraco entre duas sílabas, por adunção de uma sílaba leve à sílaba precedente, cria o constituinte binário mais à direita da palavra. As duas regras são não-iterativas, têm o mesmo governo, i.é., aplicam-se junto à borda direita da palavra, mas não competem pelo mesmo contexto, uma vez que FCP forma um constituinte binário anexando uma sílaba leve à sílaba precedente, e SQ parentetiza a sílaba pesada final. Quando essa encontra contexto adequado, aquela não tem vez. O asterisco criado pelas duas regras é projetado como acento principal da palavra. A essa projeção chamaremos Regra Final (RF). Em suma, a regra da Sensibilidade Quantitativa (1i) reflete o fato de que o português é uma língua sensível à quantidade na atribuição do acento principal da palavra. E a regra de Formação do Constituinte Prosódico mais à Direita (FCP) organiza constituintes prosódicos de cabeça à esquerda. O efeito das duas regras é representado a seguir. No mecanismo derivacional de (3), primeiramente ocorre a silabação, seguindo-se as duas regras do algoritmo acentual: a que forma o pé métrico binário (FCP) e a que põe em destaque o acento, denominada Regra Final (RF):

| | | | |
|---------------|-------------|----------------|-----------|
| (3) /kaz + a/ | /pared + e/ | /borbolet + a/ | léxico |
| ka za | pa re de | bor bo le ta | silabação |
| (* .) | (* .) | (* .) | FCP |
| (*) | (*) | (*) | RF |
| [káza] | [parédi] | [borboléta] | saída |

Que no português predominam palavras paroxítonas, acima representadas, é uma informação assaz divulgada. Existe, todavia, um número expressivo de palavras com acento na sílaba final, como resultado de (SQ). Essa classe não possui VT.

| | | | | |
|-----|---------|----------|-----------------------|-----------|
| (4) | /pomar/ | /trofEu/ | /koronel ² | léxico |
| | po mar | trofEu | ko ro nEL | silabação |
| | (*) | (*) | (*) | SQ (li) |
| | (*) | (*) | (*) | RF |
| | [pomár] | [trofêw] | [koronéi] | saída |

Nas duas classes acima representadas, encaixa-se a maior parte das palavras do português.

Palavras com acento na terceira sílaba, que constituem uma das classes minoritárias, recebem no léxico a instrução já referida de extrametricidade na sílaba final, tornando-se candidatas a receberem diretamente acento por (FCP), pois, uma vez oculta a sílaba final, a regra (1) começa a operar a partir da segunda sílaba do item lexical, encontrando contexto para a formação de um pé binário subjacente. Lembremos que SQ somente é sensível à sílaba final.

| | | | | |
|-----|--------------|-------------|-------------|-----------|
| (5) | Ex (síl) | Ex (síl) | Ex (síl) | léxico |
| | /fOsfor + o/ | /arvor + e/ | /numer + o/ | silabação |
| | fOs fo ro | ar vo re | nu me ro | Ex (síl) |
| | <ro> | <re> | <ro> | FCP (Iii) |
| | (* .) | (* .) | (* .) | ASP |
| | (* . .) | (* . .) | (* . .) | saída |
| | [fOsforu] | [árvori] | [númeru] | |

A regra de Adjunção da Sílaba Perdida que não constrói sílaba, mas que junta a um pé métrico, como seu membro fraco, a sílaba invisível, segundo Hayes (1982:235), assim se expressa:

(6) Adjunção da sílaba perdida (ASP)

Anexe a sílaba extraviada como membro fraco de um pé adjacente

Convenção desta espécie somente se faz necessária após a construção dos pés métricos, se ficarem sílabas avulsas. Se a extrametricidade recair sobre consoantes ou elementos de coda, (6) é dispensável pois nestes casos a sílaba já está presente na estrutura subjacente.

² A suposição de que tais palavras tenham vogal na forma subjacente, recebendo acento pela regra que cria constituintes prosódicos, alcançaria o resultado correto, mas o sistema teria de contar com uma regra de apagamento da vogal, de contexto muito restrito, dificilmente reformulável, para evitar que toda vogal final seja apagada e, ainda necessitaria de uma regra de ressilabação que incorporasse a consoante da sílaba final à sílaba precedente.

Com a mesma sutileza das proparoxítonas, as paroxítonas que ocultam a consoante final, e que constituem outra classe menor, deixam à vista também uma janela de duas sílabas, anexando-se ao padrão comum. Em outros termos, a extrametricidade leva as palavras minoritárias, no sistema acentual, a ajustarem-se à FCP, a regra geral.

| | | | | |
|-----|----------|----------|------------|-----------|
| (7) | Ex: coda | Ex: coda | Ex: coda | Léxico |
| | /util/ | /fasil/ | /vizivell/ | silabação |
| | u til | fa sil | vi zi vel | Ex(coda) |
| | <> | <> | <> | FCP (Iii) |
| | (* .) | (* .) | (* .) | RF |
| | (* .) | (* .) | (* .) | saída |
| | [útil] | [fásii] | [vizivel] | |

Em útil <I>, fácil <I> visível <I> tão logo estejam formados os constituintes, manifesta-se a consoante lexicalizada como extramétrica, somente invisível as regras de (1). Por conseguinte a diferença entre útil e sutil, para tomarmos um exemplo, é estabelecida pela marca lexical de extrametricidade sobre a consoante final. Da mesma forma, os pares mínimos do tipo dívida, /duvida, dívida/divida são garantidos pelo asterisco lexical que incide sobre todas as proparoxítonas. A extrametricidade fica, pois, restrita a irregularidades idiossincráticas.

A maior barreira que esta proposta encontra são as palavras acabadas em vogal com acento na sílaba final, que, vindas do latim em número relativamente pequeno, ampliaram-se com empréstimos de línguas africanas e indígenas.³ Partimos da suposição de que tais palavras recebem acento por SQ em razão de uma consoante abstrata na rima final. Formadas apenas pelo radical, sem a desinência de vogal temática, apresentam-se com uma vogal final de radical plena, jacaré, saci, jacu, diferentemente das que se submetem à regra (1ii), cuja vogal final é reduzida. A proposta é que recebem acento pela mesma regra que atua em *pastel*, *pomár*, *funil*, em virtude de a regra (1) visualizar a consoante idiossincrática registrada em seu item lexical, que somente vem à superfície em palavras derivadas. Desta forma as palavras sem VT cujo elemento terminal pode ser:

- (i) uma consoante: pomár, funil
- (ii) uma vogal plena: saci, jacaré.

constituem uma categoria só, em virtude de um artifício morfológico cujo mecanismo interno consistente é levado em conta pela Regra do Acento Primá-

³ Com referência às oxítonas terminadas em vogal, Pardo (1985), que fez um estudo do acento do Português à luz da Fonologia Métrica, valendo-se do diagrama-árvore, condiciona o pé forte da sílaba final deste tipo de palavra à inexistência da marca de classe, ou seja, de VT.

rio. O caráter idiossincrático da referida consoante pode ser apreciado nos exemplos que seguem.⁴

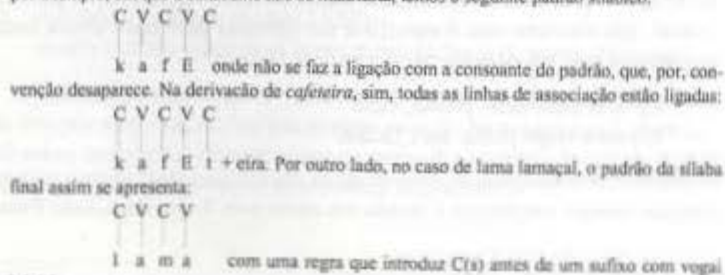
- (8) abecê – abecedário
abricó – abricote, abricoteiro
café – cafeteria, cafezal
Maomé – maometano
robô – robotizar, robótico
tingui (planta da família das leguminosas) – tinguijar, tinguijada
tricot – tricotar.

Exemplos como os que seguem que em virtude da raiz monossilábica poderiam acentuados por si mesmos, independentemente da presença de uma consoante, em conformidade com a teoria de Halle & Vergnaud (1987), que norteia nossa análise, também são lembrados para mostrar que a presença da consoante no paradigma derivacional de oxítonas acabadas em vogal é uma característica da classe.

- (9) chá – chaleira
nu – nudez, nudação, nudismo, desnudar
nó – nódulo, nódoa
pé – pedal, pedágio, pedestre
pá – pazada
só – solidão, solitário

Tais palavras optam pelo Sufixo – **zinho**, como as acabadas em rima ramificada (*pomar* > *pomarzinho*, **pomarinho*):

⁴ O aparecimento de uma consoante imprevisível nas demais classes ocorre por vezes, sem a consistência das oxítonas: *maio/a*, *matagal*; *cauda*, *caudatório*; *erva*, *ervatório*; *lama*, *lamaçal*; *diabo*, *diabólico*. A distinção é feita da seguinte maneira: Na derivação de *café* > *cafeteiro*, por exemplo, em que a consoante não se manifesta, temos o seguinte padrão silábico:



inicial

Vale notar quanto às oxítonas, de origem não-indígena ou africana, que a consoante final é documentável diacronicamente: *fê* < *fodem*, *pé* < *pedem*, (latim) *tricot* < *tricot*, *halé* < *ballet* (francês).

- (10) *chalé* > *chalezinho*, **chalquinho*;
sofá > *sofazinho*, **sofainho*;
tabu > *tabuzinho*, **tabuinho*;
chaminé > *chaminezinho*, **chamineinho*.

A mesma opção fazem com outros sufixos que apresentam a variante com – z:

- (11) *araçá* > *araçazeiro*
araçaC > *araçaz* + *eiro*
abacaxi > *abacaxizeiro*
abacaxiC > *abacaxiz* + *eiro*
dendê (planta) > *dendezeiro*
dendeC > *dendez* + *eiro*
imbu > *imbuzeiro*
imbuC > *imbuz* + *eiro*
jatai > *jataizeiro*
jataiC > *jataiz* + *eiro*
picolé > *picolezeiro*
picolcC > *picolez* + *eiro*
sofá > *sofazão*
sovaC > *sofaz* + *ão*.

Por vezes, a consoante abstrata manifesta-se no paradigma flexional:

- (12) *jacá*(sg), *jacazes*(pl)
biribá(sg), *biribaes*(pl)

Não faltam exemplos de hiatos, o que também oferece argumento: *café* > *cafeteiro*, *cipó* > *cipoal*, *cipoada*.

Esses fatos testemunham em favor da idéia de que esta classe de palavras, de radical acabado em vogal, sem vogal temática, possui na subjacência uma sílaba final de rima ramificada, cujo elemento terminal interpretamos como uma consoante abstrata. No nível da palavra não-derivada, a consoante abstrata, que ainda se encontra na posição de rima, *nuC*, *cafeC*, apaga-se por convenção. No nível da derivação, por ressilabação, passa para a posição de ataque ('onset') e vem à superfície: *nudez*, *cafeteira*.

| | | | |
|--------------|---------|---------------------|---------------|
| | | | Ciclo 1 |
| (13) /pomar/ | /kafEC/ | /kafEC/ + /eir + a/ | léxico |
| po mar | ka fĒC | | silabação |
| (*) | (*) | | SQ(li) |
| — | | | |
| | | | Ciclo 2 |
| | | kafeteir + a | |
| | | ka fe tei ra | silabação |
| | ∅ | (* .) | FCP |
| | | | Por convenção |
| [pomár] | [kafĒ] | [kafetéira] | saída |

No primeiro ciclo, faz-se contexto para a aplicação de SQ, obtendo-se os resultados corretos de *pomar* e *café*. No segundo, os afixos cíclicos são introduzidos e, de acordo com a teoria de H & V, a informação do plano prévio do acento é obliterada. Então (FCP) produz corretamente *caféteira*.

A estrutura métrica delineada pela regra (1) diminui o número de pés defectivos que recebem, de acordo com a Teoria, acento por si mesmos. Palavras deste padrão silábico, se nomes e adjetivos, são lexicalizadas com uma consoante abstrata, como em *chá - chaleira*, *pé - pedal*, recebendo acento por SQ.

Retomando a extrametricidade, apreciemos em (14), comparativamente, casos de invisibilidade de uma consoante e de uma sílaba e como as categorias obedecem à Restrição da Janela de Três Sílabas, segundo a qual o acento alcança maximamente a terceira sílaba a contar da borda direita, restrição a que estão sujeitas muitas línguas, entre as quais o português.

| | | | |
|----------------|-----------|-----------|--------------|
| (14) Ex (coda) | Ex (coda) | Ex (sil) | |
| karater | lapis | lusifer | léxico |
| ka ra ter | la piS | lu si fer | silabação |
| <r> | <S> | <fer> | Extramétrico |
| (* .) | (* .) | (* .) | FCP |
| | | (* . .) | ASP |
| (*) | (*) | (*) | RF |
| [karáter] | [lápis] | [lúsifer] | saída |

São poucas as palavras que, com consoante final, recebem a marca de extrametricidade de sílaba. Observe-se que neste caso (*lúcifer*, por exemplo), a Regra de Adjunção de Sílaba Perdida esquece a consoante final, uma vez que essa regra tem a propriedade de ligar somente sílabas leves. A consoante final segue o padrão geral, reaparecendo assim que o mecanismo de atribuição de acento chegue à seu término, como em todos os casos de consoante extramétrica.

Deixando de lado *lápís*, invariável no plural, observemos que o contorno de paroxitona obtido em *caráter* e de proparoxitona em *lúcifer* não é preservado no plural contrariando a regra geral. Ao ser criada nova sílaba via vogal epentética, a preservação do acento da forma do singular em casos como *lúcifer* transgridiria o limite máximo em que transita o acento. Então a Restrição da Janela de Três Sílabas (RTJ), que funciona como um filtro, acerta *Lúcifer*, **lúciferes para luciferes*, assim como *Júpiter*, **júpiteres para jupiteres e senior*, **seniores para seniôres*. Observemos que no caso de *senior - seniôres*, a casa mais próxima passa a ser /o/, em virtude da ditongação. O movimento de um asterisco, que vai em direção oposta à do cabeça do constituinte, está restrito à Condição de Adjacência, por conseguinte não atinge /karakitéres/, que interpretamos como um plural lexicalizado, recebendo acento, independentemente da forma de singular. Na língua não faltam exemplos de plurais lexicalizados: *núpcias*, *exéquias*, etc. Os parâmetros que a Teoria oferece para descrever apagamento ou movimento de asteriscos foram formulados como princípios universais por Haraguchi (1991). É Apague *, que leva o asterisco para a sílaba seguinte, sob pressão da Restrição da Janela de Três Sílabas (RTJ).

| | | | |
|-----------|-------|-----------|---------|
| (15) Sg | | Pl | |
| lúci<fer> | → | luciferes | Apague* |
| (* .) | (RTJ) | (. *) | |
| júpi<ter> | → | jupiteres | Apague* |
| (* .) | (RTJ) | (. *) | |

Por último, vale notar que as poucas palavras do português de sílaba superpesada (*códix*, *tórax*), dicionarizadas, têm acento primário não-final, o que permite afirmar, por meio de (16), que a sílaba de dupla consoante na coda está necessariamente envolvida com a extrametricidade.

| | | | |
|-------------------------------------|---|-----------|-----------|
| (16) Condição de sílaba superpesada | É extramétrica a coda da sílaba superpesada | | |
| (17) oniks | tOraks | lateks | léxico |
| o niks | tO raks | la teks | silabação |
| <ks> | <ks> | <ks> | Ex: (16) |
| (* .) | (* .) | (* .) | FCP |
| (*) | (*) | (*) | RF |
| [óniks] | [ˈtOraks] | [ˈlateks] | saída |

Vale notar, todavia, que palavras novas, não dicionarizadas em sua maioria com a terminação (ks) tendem a receber acento por SQ: *eucatêx*, *durêx*, *pirêx*, o que mostra uma mudança em direção à sensibilidade quantitativa, o padrão geral.

Com respeito ao verbo, sujeito às mesmas regras expressas em (1), esse algoritmo, sensível ao peso silábico, interpreta como sílaba leve toda sílaba final acabada por S ou N com status de desinência: *faleN*, *falaS*. No caso de palavras proparoxítonas, encontradas unicamente em tempos de imperfeito, a invisibilidade atinge a sílaba toda. Por conseguinte, a extrametricidade, que nesta abordagem é o mais das vezes uma propriedade idiossincrática, em verbos toma a forma de uma regra específica:

(18) A extrametricidade em verbos

Marque como extramétrica:

- A sílaba final da primeira e da segunda pessoa do plural dos tempos de imperfeito.
- Nos demais casos, a consoante com status de flexão.

Exemplos encontram-se em (19):

| | | | |
|---------------------|---------------|--------------|-----------|
| (19) a. (Ind. Pres) | (Subj. Pres.) | (Infinitivo) | |
| /kaNtaS/ | /kaNteN/ | /kaNtar/ | domínio |
| kaN taS | kaN teN | kaN tar | silabação |
| <S> | <N> | — | Ex (18ii) |
| — | — | (*) | (SQ (li)) |
| (* .) | (* .) | — | FCP (lii) |
| (* . .) | (* . .) | (. *) | RF |
| [kántas] | [kántey] | [kántár] | saída |

| | | |
|--------------------|----------------|-----------|
| b. (Imperf. Subj.) | (Imperf. Ind.) | |
| /kaNtasemoS/ | /kaNtaveiS/ | domínio |
| kaN ta se moS | kaN ta ve iS | silabação |
| <moS> | <iS> | Ex (18i) |
| (* .) | (* . .) | FCP |
| (* . .) | (* . .) | ASP |
| (. * .) | (. * .) | RF |
| [kántasemus] | [kántáveis] | saída |

Um caso de pé defectivo (PD), também chamado pé degenerado, encontra-se nas formas verbais de futuro, acreditando-se que sua origem locucional, atribuída à combinação do infinitivo do verbo que se quer conju-

⁵ O morfema número pessoa, segunda do plural (eS), que se realiza o mais das vezes com vogal alta, tem o status de uma sílaba na estrutura subjacente. O ditongo forma-se após a atribuição de acento. Que a base deste morfema seja (deS), onde o caráter silábico fica claro, é defendida entre outros por Mira Mateus (1975).

gar com formas do presente ou do pretérito imperfeito do verbo haver, futuro e condicional respectivamente, tenha ainda reflexos na sincronia. Os que defendem esta hipótese, entre eles Mattoso Câmara (1975:132) e Luft (1976:27-29), trazem como evidência o uso do pronome clítico em mesóclise: *cantar-te-ei*, *falar-lhe-ia*. O acento primário, segundo a proposta aqui defendida, oferece mais um argumento em favor desta colocação. Cada uma das duas partes que compõem o futuro mantém a sua autonomia, tal qual o fazem as palavras compostas, recebendo acentos primários individuais, dos quais somente o último permanece por efeito de Apague*, sob a condição de choque acentual de grau 1, i.e., seqüência de dois acentos, que o português tende a rejeitar.⁶

| | | | | | |
|---------------------|---------|------------|----------------|-------------|------------|
| (20) Futuro | SQ | SQ | Por Evite | Choque | Acentual |
| | (*) | (*) | (*)(*) | (*) | |
| a. Infinitivo + ei: | /falar/ | /ei/ | → falaréi | → | falarei |
| | SQ | PD | | EChoque | |
| | (*) | (*) | (*)(*) | (*) | |
| | /falar/ | /a<S>/ | → falarás | → | falaras |
| | SQ | PD | | EChoque | |
| | (*) | (*) | (*)(*) | (*) | |
| | /falar/ | /a/ | → falará | → | falara |
| | SQ | FCP | | EChoque | |
| | (*) | (*.) | (*)(*.) | (*) | |
| | /falar/ | /emo<S>/ | → falaremo<S> | → | falaremos |
| | SQ | SQ | | EChoque (*) | |
| | (*) | (*) | (*)(*) | (*) | |
| | /falar/ | /ei<S>/ | → falarei<S> | → | falareis |
| | SQ | PD | | EChoque | |
| | (*) | (*) | (*)(*) | (*) | |
| | /falar/ | /a<N>/ | → falara<N> | → | falarão |
| | SQ | FCP | | EChoque | |
| | (*) | (*.) | (*)(*.) | (*) | |
| b. Infinitivo + ia: | /falar/ | /i a/ | → falaria | → | falaria |
| | SQ | FCP | | EChoque | |
| | (*) | (*.) | (*)(*.) | (*) | |
| | /falar/ | /i a<mos>/ | → falaria<mos> | → | falaríamos |

etc.

⁶ Quanto a hierarquia de choques acentuais, ver Haraguchi, 1991:140.

E assim damos por finda a descrição do acento principal da palavra, o acento primário propriamente dito.

CONCLUSÃO

A abordagem que leva em conta a sensibilidade da língua para o peso da sílaba final estrutura constituintes binários de cabeça à esquerda e destina a extrametricidade às classes menores, proparoxítonas e palavras acabadas em sílaba ramificada sem acento final. Para resolver a única barreira encontrada, a das oxítonas com vogal final traz para o domínio do acento a consoante idiossincrática que tais itens manifestam apenas em processos derivacionais. Isso, todavia, não complica de forma alguma o mecanismo de descrição que, com duas regras apenas, dá conta do acento primário de todas as palavras da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÂMARA, Jr., M. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Padrão-Livraria Editorial, 1975.
- HALLE, M. and J. R. Vergnaud. *An essay on stress*. Cambridge, MIT Press, 1987.
- HARAGUCHI, S. *A theory of stress and accent*. Holland, Foris, 1991.
- HAYES, B. *A Metrical Theory of Stress Rules*. Distributed by Indiana University Linguistics Club, Bloomington, Indiana 1981.
- . Extrametricity and English stress, *Linguistic Inquiry*, 13, 227-76, 1982.
- LUFT, C. P. *Para uma análise morfológica do verbo em português*. Porto Alegre, Editora Emma, 1976.
- MATEUS, M. H. Mira (1975). *Aspectos da Fonologia do Português*. Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1982.
- PARDAL, E. D'A. *O acento de palavra em português*. Comunicação apresentada no Colloquium on Spanish, Portuguese and Catalan Linguistics, Universidade de Georgetown, 1985.
- SLUYTERS, W. Length and stress revised: a metrical account of diphthongization, vowel lengthening, consonant gemination and word-final apenthesis in modern Italian. *Prabus* 2, 1. 65-102.